



UNILASALLE

CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



Credenciamento: Decreto de 29/12/98 - D.O.U. de 30/12/98
Recredenciamento: Portaria 626 de 17/05/12 - D.O.U. de 18/05/12

Revista Memória e Linguagens Culturais do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais

memorialinguagens@unilasalle.edu.br

Equipe de produção deste número

Coordenadoras

Prof^a. Dr^a. *Zilá Bernd*

Prof. Dr. *Lucas Graeff*

Redatores

Alunos da disciplina 2014/2

Revisão

Prof^a. Dr^a. *Zilá Bernd*

Projeto gráfico e editoração

Ricardo Figueiredo Neujahr

Itinerários e Linguagens culturais, n. 7 da Revista Memória e linguagens culturais

Editorial

A *Revista Memória e Linguagens Culturais* é uma publicação semestral de divulgação científica vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Unilasalle. Seu objetivo é veicular produções discen-tes realizadas no âmbito de várias disciplinas do curso com ênfase para “Mobilidades Culturais”, “Linguagens culturais e suas formas de expressão” e “Itinerários culturais”. Em formato de magazine, é um canal de comunicação entre as produções de alunos de mestrado e a comunidade. Sua linha editorial propõe: (1) reflexões e sugestões de itinerários, percursos e rotas culturais, buscando integrar o sistema dinâmico de rela-ções entre história, turismo e patrimônio cultural; (2) estudos de caso de mobilidades culturais – espaciais, temporais, discursivas e linguísticas; e (3) análises críticas da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marca-dos por fluxos migratórios, transferências e choques culturais.

Chegando ao seu sétimo número, a revista é composta por artigos de autoria de mestrandos de duas disciplinas: Linguagens culturais e suas formas de expressão e Seminário de Itinerários culturais. A associação dessas duas disciplinas criou uma sinergia que permitiu revelar a cidade de Porto Alegre dos mais diferentes ângulos: a Porto Alegre do Turismo Criativo e a Porto Alegre redescoberta a partir dos itinerários dos sebos (livros de ocasião).

A nova área da cultura que é a do Turismo criativo e das experiências de aprend-izagem a partir da cultura gaúcha foi apresentada por Luciana Gransotto e Katiussa Bueno. Ao descrever o perfil do turista cultural contemporâneo na relação com sua alteridade - próxima e com sua alteridade - distante, as autoras transformam o turis-mo local em vivência de lazer e de aprendizado que transgride fronteiras geográficas, disciplinares e subjetivas. Com base na mediação de um eficaz e ajustado conjunto de pressupostos teóricos, uma prática de turismo criativo é descrita que traduz exem-plarmente as perspectivas trilhadas pelo turismo cultural, hoje. Ler esse texto significa perceber no turismo um olhar de aproximação e de distanciamento no qual, lazer e refinamento cultural entrelaçados evocam a dimensão do poeta, crítico e professor de música Mário de Andrade em sua obra “O Turista Aprendiz” para o qual toda ex-periência turística é permeada pela prática desse olhar duplo. Portanto, o presente artigo encanta pela possibilidade de diálogos que permite entretecer com outras expe-riências criativas de natureza distinta, simbólicas e não simbólicas.

A Universidade Federal do Rio grande do Sul aproxima-se dos leitores através da minuciosa análise de fotografias e de pinturas que apontam a eficácia da memória, em trabalho assinado por Sonia Maria Piccinini e Noêmia Fátima Rodrigues. Com base na leitura teórico-crítica da obra de Roland Barthes considerada em seu conjunto, este texto seduz sobre tudo pela relação que estabelece entre representação fotográfica e a singularidade das aquarelas, uma e outra encontrando na memória o lugar de inusitadas propagações. Além de encantar pela intersecção fixada entre as duas formas de imagem estudadas e configuradas na prática, também seduz por fixar na memória a potencialidade de um constante trânsito entre passado e presente. Lido desde essa perspectiva, depreende-se do título, quando diz: “eficácia da memória”, o recorte de resíduos e de fios que recuperam o passado de certo patrimônio visual estampado pelas aquarelas da UFRGS e que, ao mesmo tempo, dão a perceber a produtividade desse arquivo patrimonial para a contemporaneidade da vida cultural dessa Universidade.

A disciplina de Seminário de Itinerários culturais centrou sua atenção no traçado de itinerários de diferentes sebos situados no centro da cidade de Porto Alegre. Tudo começou com a identificação e localização desses sebos, cuja listagem inicial inspirou-se na monografia de conclusão de curso de Graciele Antunes, intitulado “A organização da informação de sebos em Porto Alegre” (UFRGS, 2010). Em seguida, delimitaram-se por proximidade as situadas nas ruas Riachuelo, General Câmara e Jerônimo Coelho. A terceira etapa consistiu em uma visita coletiva às livrarias, resultando em registros fotográficos das fachadas e lojas, das ruas, das pessoas, do trânsito e de peculiaridades como o gato na porta da livraria esotérica e o cachorro carregando um jornal na boca enquanto aguardava seu dono.

No retorno à sala de aula, a construção do itinerário e dos textos presentes nesta edição da Revista deu-se através da orientação dos professores. Discutiu-se como elaborar um relatório individual e as crônicas. Abordou-se, ainda, estratégias de pesquisa para novas idas a campo, com vistas a dispor de pequenos históricos de cada sebo, considerações sobre usos de plataformas digitais para vendas on-line e peculiaridades de cada lugar.

O trabalho sucessivo de acompanhamento e orientação colore, assim, as crônicas presentes nesta Revista. Em “Sebos: um caminho imaginário e subjetivo” é Luciana Gransotto insinua as relações íntimas entre memória, sensibilidades, itinerários, livros e leituras. “A Confraria dos Livros”, por sua vez, Izilda Aparecida Ferreira Bevilacqua desvenda os livros como objetos de comunicação entre o passado e o presente. A crônica de Plínio Mosca é uma ficção policial reveladora dos mistérios que habitam os mais antigos sebos da zona central da cidade. “Entre Ruas, Livros e Sebos”, assinado por Fernanda Flores, enriquece esse itinerário com encontros e descobertas da mestranda face ao desafio de redescobrir os sebos e os livros antigos no centro da cidade. Por fim, Nádya Leite compõe o itinerário dos sebos com seu texto “Caminho

dos becos, caminho dos livros”, criando uma tensão entre a solidez dos livros e o a incerteza das informações “quentes” que circulam na internet.

Com essas produções ricas e diversificadas, a Revista Memória e Linguagens Culturais cumpre sua proposta de divulgar trabalhos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, consolidando-se como um canal privilegiado de divulgação científica, técnica e artística. O Comitê Editorial deseja aos leitores e leitoras uma boa experiência de leitura e imaginação.



Zilá Bernd - Doutora em letras pela USP, Professora e orientadora do mestrado em memória Social e Bens Culturais do Unilasalle e do PPG-Letras da UFRGS. Pesquisadora com bolsa PQ-CNPq (1b). Officier de Palmes Académiques (Governo Francês) e Officier de l'Ordre national du Québec (Canadá).

Lucas Graeff - Doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pelo Université Rene Descartes, Paris V, Sorbonne, França (2010). É líder do Grupo de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade e coordena o Observatório Cultural Unilasalle. Professor permanente do Centro Universitário La Salle - Canoas , Brasil.



Maria Luiza Berwanger da Silva - Professora do Programa de Pós - Graduação em Letras da UFRGS e Professora permanente do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle - Canoas - RS). Pesquisadora do Département de Littérature Comparée da Sorbonne Nouvelle - Paris. Doutorado em Literatura Comparada pela UFRGS e Pós - Doutorado em Literatura Comparada - Paris 3 - sorbonne Nouvelle.





Porto Alegre e o Turismo Criativo: experiências de aprendizagem a partir da cultura gaúcha

Dentre as principais características do turista cultural contemporâneo, está a busca por novas experiências a partir da alteridade que de um lado, tem a cultura local e sua comunidade e, de outro, o turista. Essa interação faz com que o turismo cultural deixe de ser uma atividade passiva e meramente contemplativa e passe a exercer um papel de mediador das diferentes culturas, possibilitando trocas significativas de conhecimento.

Sousa (2010) situa a experiência turística como, na verdade, uma experiência estética, considerando-a, em um sentido mais amplo, a experiência sensorial: o contato com a cultura, com a localidade que se visita, o despertar dos sentidos e as imagens capturadas. E acrescenta que, “o estranhamento, a vivência inicial do lugar pode vir a promover maior contato com uma nova realidade: o lugar, o objeto, a obra de arte, a cultura” (SOUSA, 2010, p.95).

A identidade dos turistas e residentes constrói-se através das relações intragrupais e intracomunitárias, assim como em função das relações de interação entre turistas e os seus receptores. (PEREZ, 2009)



(fonte: Site Jornal Metro Porto Alegre - www.readmetro.com)

Um dos aspectos do turismo cultural que o torna particularmente relevante é justamente essa dimensão intercultural, que possibilita potencializar e estabelecer relação e diálogo entre a comunidade e os visitantes. Durante

essa troca, desdobra-se uma dupla narrativa: aquela em que o turismo cultural cria sobre o lugar em que os moradores e os turistas habitam e convivem, ao mesmo tempo em que desenvolve outra sobre os turistas individuais, que experienciam a interculturalidade desses destinos. A narrativa do turismo, portanto, conecta o lugar e a viagem, o local e o global, o território e a mobilidade. (RICHARDS, 2011)

Dessa forma, pode-se pensar o turismo como uma atividade de encontros entre turista e anfitrião que, separados já dos seus universos culturais de origem, provocam mudanças, intervêm nas visões de mundo, estilos de vida, modos de reagir e lidar com o outro.

Turismo Criativo: um novo segmento a partir do turismo cultural

Na busca de uma viagem pelo conhecimento e enriquecimento pessoal, o turismo cultural tende a ser explorado para satisfazer a curiosidade e os desejos humanos. O turista consome produtos que originam-se do passado, mas também da cultura contemporânea.

Roland Barthes diz que todos consomem os produtos culturais. A cultura de nosso tempo, segundo ele, “tão geral, tão pacífica, tão comunitária, repousa na divisão de duas atividades da linguagem: de um lado a escuta, nacional, ou, se preferirem, os atos de inteligência [percepção]; do outro, se não a palavra, pelo menos a participação criativa

e, para ser ainda mais preciso, a *linguagem do desejo*” (BARTHES, 2004, p.117).

Buscando elementos que definam a atmosfera do lugar, turistas aproximam-se da cultura popular, vivenciando o cotidiano. Cresce o interesse pelas artes, tradições, costumes e artesanato, que propagam o aumento do consumo cultural e demandam o crescimento de um turismo mais criativo, a partir de novas narrativas, fazendo com que os sujeitos sejam instigados a desenvolver as suas próprias habilidades ao mesmo passo que conhecer a cultura local.



(fonte: Site Creative Tourism Austria - <http://www.kreativreisen.at/en>)

Richards e Wilson (2011) sugeriram que, em alguns casos, o turismo cultural está se tornando “turismo criativo”, que é definido como:

O turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo

através da participação ativa em cursos e experiências de aprendizado que são baseados nas características dos destinos onde são realizados (RICHARDS, 2011, p.10).

Esse turismo, com base na experiência, no qual turistas relacionam-se com produções culturais (artes visuais, artes manuais, festividades) e com o patrimônio cultural (sítios históricos, paisagens, bens imateriais), tornam-se atividades de criação e aprendizagem cultural. Suas competências criativas são exploradas, possibilitando ao turista criar e levar algo novo, instigando o componente educacional a compreender o turismo cultural como a visita a outras culturas e a conhecer os diferentes modos de vida.

A ênfase muda da cultura tangível para a cultura intangível e a experiência básica consiste numa troca de conhecimentos e competências entre o anfitrião e o convidado (RICHARDS, 2011).

Esse novo segmento do turismo tem como mediador a linguagem cultural, “percebida segundo as arestas mais vivas da sua alteridade” (BARTHES, 2004, p.122). Tal operação resignifica as relações e enriquece o sujeito; transforma-se, em liberdade de expressão.

Dessa forma, podemos dizer que, de um lado, a experiência turística é praticada individualmente, quando pensada na sua forma subjetiva, e de outro, é concebida através da alteridade, por ser o viajante e o turista, segundo Trigo

(2013), um “mercador de luz”, que transporta um pouco dos conhecimentos e retorna com outros, “tendo caminhado e experimentado coisas novas, enriquecido sua existência e trocado luzes com outros povos e culturas” (TRIGO, 2013, p.40).

As lembranças e recordações criadas a partir dessa vivência, permanecem na memória e contribuem para a construção da identidade.

Programa “Porto Alegre Turismo Criativo”: experiências de aprendizagem

Entendido como a oferta a turistas de experiências de aprendizagem de conteúdos locais, autênticos, por meio de oficinas, *workshops* e atividades diversas e conceituado há pouco mais de dez anos, o turismo criativo começou a ser implantado há sete anos na Europa e nos Estados Unidos e hoje está presente na Ásia, na América Central e Oceania.

O programa “Porto Alegre Turismo Criativo” insere-se nos destinos do turismo criativo, sendo o primeiro programa organizado e estabelecido no Brasil. Oferece aos visitantes experiências de aprendizagem novas e singulares, de conteúdo local vinculado ao universo imaterial da cultura, da tradição e das artes.



(fonte: Site Porto Alegre Criativa - Oficina de marchetaria Flores e Pássaros de Porto Alegre)

Segundo as Diretrizes Básicas do Turismo Criativo (2013), elaborado pela Prefeitura de Porto Alegre, dentre os diferenciais da cidade, elencados para participar do programa, estão: diversidade e singularidade cultural; a titulação da capital gaúcha como a 2ª mais criativa do Brasil; a existência de atrativos culturais já formatados dentro do conceito de turismo criativo (oficinas artístico-culturais abertas à população). São seus principais objetivos: implementar e desenvolver o turismo criativo no município de Porto Alegre, como fonte

de diversificação da oferta turística e de fomento à sustentabilidade cultural, social e econômica local; preservar o patrimônio tangível e intangível do destino e a consequente promoção de novas formas de sustentabilidade cultural local e trocas de experiências entre turistas e residentes.

Essas qualificações de Porto Alegre e do Estado do Rio Grande do Sul reforçam que as experiências de Turismo Criativo na capital gaúcha sejam transformadoras para as pessoas que a vivenciarem e que os souvenirs não sejam levados apenas pelo seu valor tangível, mas como gatilho de memória para de momentos únicos (Diretrizes Básicas do Turismo Criativo, 2013, p.19 e 20).

O destino é parte integrante do processo de criação do setor turístico. Para Richards (2011), as narrativas e as imagens vinculadas ao destino tornaram-se um fator importante para a decisão do turista, quando na escolha da sua viagem.

Dentre as práticas em ateliês e oficinas de artesanato e artistas, disponibilizadas pelo programa, estão: artes cênicas, artes visuais, artesanato, literatura, gastronomia (como a oficina do churrasco), música e tradicionalismo gaúcho.



(fonte: Site de Mala e Cuia - <http://dema-laecuia.net/nas-oficinas-de-danca-todos-os-povos-todas-as-cores/>)

Turismo de Galpão: o Turismo Criativo aplicado à Cultura Gaúcha

Na cultura gaúcha identificamos os símbolos do Rio Grande do Sul.

A gastronomia, com o churrasco, a indumentária, com a pilcha, o folclore, com as danças gauchescas, o artesanato, com o trabalho da cerâmica. São traços da cultura que identificam um lugar de tradições fortes, espírito guerreiro e amor pela terra que defendeu ao longo da revolução pela sua independência.

O simbolismo revolucionário revela-se na homenagem através de desfiles, nos nomes das ruas, na literatura gauchesca e no Acampamento Farroupilha, uma das maiores festas populares do Brasil, que ocorre todos os anos ao longo do mês de setembro, no Parque Harmonia, em Porto Alegre, capital do Estado.

O evento, que faz alusão à cultura tradicionalista gaúcha, comemora a Revolução Farroupilha, a qual resultou na independência da província como estado republicano, dando origem à República Rio-Grandense.

Durante a Copa do Mundo de 2014, que teve a cidade de Porto Alegre como uma das sedes do mundial, as Secretarias Municipais de Turismo e Cultura, e a 1ª Região Tradicionalista e Fundação Cultural Gaúcha, promoveram o que se chamou de “Acampamento Farroupilha Extraordinário da Copa”, um evento realizado excepcionalmente durante os meses de junho e julho, acompanhando o período dos jogos e reunindo milhares de turistas, vindos de todos os cantos do Brasil e de outros países, como Holanda, França, Nigéria, Austrália, Argentina e Alemanha. O acampamento serviu como receptor e difusor da cultura gaúcha, tendo o turismo criativo e sua linguagem cultural (as oficinas) como mediação e interação entre os visitantes e os piquetes (entidades tradiciona-

listas que são dedicadas as atividades campeiras). Surge então o chamado “Turismo de Galpão”, entendido como subproduto do turismo criativo, idealizado e implementado pela equipe técnica da Secretaria Municipal de Turismo de Porto Alegre, no âmbito do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho).

Entrevista sobre o Turismo de Galpão e a sua relação com o Turismo Criativo

A seguir, parte da entrevista organizada pelas mestrandas Luciana Gransotto e Katiussa Bueno e respondida pelo Secretário Municipal de Turismo de Porto Alegre, Luiz Fernando Moraes e pela coordenadora do setor de eventos e promoções da Secretaria Municipal de Turismo, Natália Medeiros.

Elaborada especialmente para esse artigo, a entrevista aborda principais questões relacionadas à criação do Turismo de Galpão, como objetivos, relação com o Turismo Criativo e áreas de difusão da cultura gaúcha.

Quais os objetivos do Turismo de Galpão?

Secretaria de Turismo: É necessário contextualizar. O Turismo de Galpão nasce na discussão da ampliação do papel do turismo no maior evento da tradição gaúcha, o Acampamento Farroupilha. O evento não oportunizava

atividades que permitissem aos turistas interagirem com os residentes, piquetes e outras atividades que se desenvolviam na sua programação. Portanto, podemos destacar dois principais objetivos. O primeiro, criar formas de interação entre turistas e piqueteiros de forma a permitir que os primeiros pudessem vivenciar a Cultura gaúcha. O segundo, ampliando este caráter cultural, contribuir na reconstrução e consolidação da imagem do Acampamento como um produto turístico.

Qual a relação e ligação do Turismo de Galpão com o Turismo Criativo?

Secretaria de Turismo: O Turismo de Galpão, é um subprograma do Turismo Criativo, ou poderia ser traduzido como Turismo Criativo aplicado à Cultura Gaúcha. O Turismo Criativo, chamado de a nova geração do Turismo, propõe alterar o eixo do Turismo tradicional de contemplativo para o Turismo de vivências, entendendo, afinal, que o genuíno de cada lugar está nas pessoas, sua forma de viver e ver o mundo. Assim, mesmo atividades do turismo tradicional como visitas a museus e prédios históricos, são frutos da cultura local. Por meio de experiências de aprendizagem - cursos, workshops, oficinas e outros-, o turista vivencia a cultura local, gerando uma experiência única para si e para o residente com o qual interagiu.

Quais as principais áreas de

conhecimento dos realizadores das oficinas?

Secretaria de Turismo: No Turismo de Galpão, e da mesma forma no Turismo Criativo, as atividades não são focadas em públicos profissionais. Ou seja, um curso de pintura não é para pintores profissionais, necessariamente. As ofertas em culinária não são para chefs de cozinha, ainda que não haja impedimento para que participem. São cursos livres. São, na verdade, para turistas que querem adicionar algo mais à sua viagem. Por isso, as atividades não são ministradas por professores ou pessoas que tenham formação em ensino. Ao contrário, o que se quer é passar o que há de mais genuíno da cultura local e isso se dá por pessoas comuns, que herdaram conhecimentos de seus antepassados, em qualquer campo do conhecimento, e são apenas treinadas para ministrar as atividades.

Qual número aproximado de turistas frequentaram as atividades e oficinas?

Secretaria de Turismo: O Galpão da Hospitalidade, espaço de referência para as oficinas abertas a visitantes do projeto Turismo de Galpão que ocorreu no Acampamento Farroupilha Extraordinário da Copa atendeu 7.393 pessoas desde a abertura do Mundial. Desse público, 52% foram turistas estrangeiros de 42 países em

busca de informações sobre a cidade, o Acampamento Farroupilha e a cultura gaúcha. O atendimento no Galpão da Hospitalidade foi feito diariamente das 9h às 22h por uma equipe de 21 pessoas, incluindo recepcionistas com domínio em inglês, espanhol e francês. Mais de 600 pessoas participaram das oficinas e caminhadas guiadas abertas a turistas brasileiros e do exterior que foram realizadas pelos 76 piquetes dentro do projeto Turismo de Galpão, todos com conteúdos da cultura gaúcha, como por exemplo: assar um churrasco, preparar um chimarrão, preparar o charque, arroz de carreteiro, além de doces típicos, danças regionais, conhecer a indumentária gaúcha, atividades campeiras, a história e as lendas do Estado, entre outros temas.

(fonte: site www.fotospublicas.com)

Foto de Mirele Pacheco



As oficinas, por serem realizadas dentro dos galpões dos piquetes, possibilitaram aproximar o turista/visitante com o local?

Secretaria de Turismo: Sim, acreditamos que a inserção do turista/visitante dentro dos espaços das entidades tradicionalistas facilita o contato, a troca cultural e possibilita uma maior aproximação com a cultura local.

Quais principais elementos de sensibilização utilizados nas oficinas?

Secretaria de Turismo: A valorização da identidade cultural e a qualidade no serviço prestado, marcando o bem receber como diferencial competitivo.

Quais as principais considerações feitas nas pesquisas de satisfação pelos turistas e visitantes, no que tange à aprendizagem, experiência e à interação com os integrantes que realizaram as oficinas?

Secretaria de Turismo: Foi destacado nas pesquisas de satisfação a hospitalidade / acolhimento nas atividades e troca cultural que foi oportunizada.

O Turismo de Galpão terá outras edições, ao longo do ano?

Secretaria de Turismo: Sendo um subprograma

do Turismo Criativo, que um programa permanente, o Turismo de Galpão nasceu no Acampamento Farroupilha, mas atividades similares já são oferecidas em CTGs da cidade, exatamente para que se tenha a regularidade desta oferta a turistas.

Experiência nas oficinas do Turismo de Galpão:

As mestrandas Luciana Gransotto e Katiussa Bueno participaram de três oficinas do Turismo de Galpão.

Oficina do charque: desenvolvida pelo DTG Morro da Tapera, da Associação dos Servidores da Justiça do Rio Grande do Sul, contou a história do charque, produto de grande representatividade na história do Rio Grande do Sul. Consumido até hoje, o charque é um corte de carne bovina desossada, salgada e seca ao sol. Foi trazido pelo português José Pinto Martins, entre 1750 a 1827, que conheceu a carne no estado do Ceará e a trouxe quando uma grande seca assolou o nordeste. Uma das suas curiosidades é a de que ele foi um grandes motivos apontados para a deflagração da Guerra dos Farrapos, em função do aumento do valor do charque dos países da chamada Banda Oriental, Uruguai e Argentina, no mercado brasileiro com preços mais competitivos do que o do gaúcho.

A cartilha da oficina entregue aos



turistas, escrita e ilustrada com imagens, conta a origem do charque, a sua diferença em relação à carne de sol, o seu processo de fabricação, expressões ditas no sul, além de uma receita do carreteiro de charque, que é um dos pratos mais tradicionais da culinária gaúcha.

Logo após a palestra, os participantes assistiram ao processo de preparo e puderam experimentar o carreteiro de charque. Também tiveram a oportunidade de tirar fotos com indumentárias gaúchas, disponibilizadas pelo piquete.



(fonte: Site Porto Alegre Criativa - www.portoalegrecriativa.info)

Oficina do chimarrão: O piquete “Galpão dos Amigos” foi preparando o chimarrão e compartilhando com os turistas (entre eles franceses, colombianos e argentinos), as histórias desse ritual tradicionalista. Os visitantes aprenderam o que é “cancheamento” da erva-mate, (que trata-se do esmagamento das folhas), conheceram a forma correta de uma roda de chimarrão, a origem dessa tradição (iniciada pelos índios), a maneira de colocar a erva-mate na cuia, assim como a temperatura ideal da água a ser servida. E é claro, ao final, experimentaram o famoso chimarrão.

(fonte: Site Porto Alegre Criativa - www.portoalegrecriativa.info)



Oficina da indumentária gaúcha: A tradicionalista e professora Maria Isabel Trindade de Mora apresentou, no CTG Raízes do Sul, a palestra sobre indumentária gaúcha. Oportunizou aos turistas a conhecerem as origens e a história das vestimentas no Rio Grande do Sul, contando que o estado sofreu influências pelos estancieiros quando trouxeram suas roupas, causando uma mistura de trajes, assim como quando casais açorianos aqui chegaram, a partir de 1752, trazendo com eles aquilo que vestiam. Citou também a grande influência dos índios, especialmente o pampeano, que no inverno rigoroso passou a usar uma saia de couro enrolada na cintura, tendo a parte do pelo voltado para dentro da saia, possibilitando aquecer o corpo.

Nesta palestra o turista tem contato com imagens, desenhos e fotografias das indumentárias, conhecendo um pouco a cultura da vestimenta gaúcha, levando em seu imaginário o poncho, a pilcha, o uso lenço e a famosa bombacha.

Ilustração de José Carlos Rocamora - (fonte: www.portoalegre.travel).



Referências

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

PEREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo Cultural: Uma Visão Antropológica**. El Sauzal / Espanha: Colección Pasos, 2009.

PROGRAMA Porto Alegre Criativa. **Diretrizes Básicas**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Turismo, 2013. Disponível em: http://www.portoalegre.travel/site/upload/downloads/Download_79_7989.pdf. Acessado em 30 jul. 2014.

RICHARDS, Greg. Cultural tourism trends in Europe: a context for the development of Cultural Routes. In: Khovnova-Rubicondo, K. (ed.) **Impact of European Cultural Routes on SMEs' innovation and competitiveness**. Strasbourg: Council of Europe Publishing, 2011, p. 21-39. Disponível em:

http://www.coe.int/t/dg4/cultureheritage/culture/routes/StudyCR_en.pdf

Acessado em 30 jul. 2014

SOUSA, Cleide. Lazer e experiência estética: caminhos para pensar o turismo como experiência. IN: NETTO, Alexandre; GAETA Cecília. **Turismo de Experiência**. Editora Senac, 2010, p. 79-97.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A Viagem**. Caminho e Experiência. São Paulo: Editora ALEPH, 2013.

Autoras



Luciana Rodrigues Gransotto

Bacharel em Turismo, Mestranda em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE



Katiussa Bueno

Bacharel em Biblioteconomia e especialista em Gestão do conhecimento (especialização em MBA em Administração e gestão do conhecimento) e aluna especial do mestrado em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE

Fotografia, Arte pictórica e a Eficácia da Memória

Toda a fotografia é um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção introduziu na família das imagens.

(BARTHES, 1994, p.129).

O homem cria as imagens e elas são tão antigas como a própria humanidade. Mãos marcadas na rocha ou na argila, as conhecidas mãos em negativo, criadas a partir do sopro de pó colorido sobre a mão apoiada em pedra lisa, são alguns dos exemplos. Estas imagens são as mais antigas produções do homem e podem ser encontradas em sítios arqueológicos.

Os registros pictóricos como gravuras, pinturas e aquarelas, bem como as fotografias, acompanham o homem no curso da sua existência e lhe propiciam a oportunidade da contemplação, podendo passar de um olhar fortuito a uma reflexão prolongada.

A técnica da aquarela foi muito utilizada para colorir as fotografias na época em que eram apresentadas em preto e branco. Trabalhar a cor, suas nuances na luz e no papel, são intervenções lúdicas dos pincéis do artista.

Roland Barthes é um dos mais conhecidos semiologistas de origem francesa. O primeiro crítico a aplicar o

método estruturalista e da análise do conteúdo fotográfico. Nasceu em 1915 e morreu ainda jovem, em 1980.

Barthes observou a fotografia de um modo especial, ou seja, mostrava-se seduzido pelas possibilidades que ela dá ao observador de projetar na imagem suas demandas internas. O filósofo francês afirma que “segundo uma antiga etimologia, a palavra imagem deveria estar ligada a raiz de “*imitari*”” (BARTHES, 1990, p.27). As imagens, ao contrário do texto, são universais. Imagens não reproduzem o real, elas o espelham, ou o reprisam. A relação do homem com a imagem é sempre singular e surpreendente.

Uma imagem, portanto, torna presente qualquer coisa ausente. Desta forma, ela reproduz aspectos de sua aparência visível ou o que se instituiu como sua aparência. A imagem não faz comparações, não generaliza e nada explica. As palavras, por sua vez, significam imagens mentais. Uma palavra é uma imagem de uma ideia.

A imagem fotográfica é herdeira da pintura, mas mesmo assim, as técnicas das gravuras, aquarelas e pinturas se encontram presentes na contemporaneidade.

O ENCANTAMENTO PELAS AQUARELAS DOS PRÉDIOS HISTÓRICOS DA UFRGS:

Este encantamento emerge das nossas memórias de leituras e da experiência profissional junto ao Projeto Resgate do Patrimônio Histórico e Cultural da UFRGS. Nosso olhar transcende o óbvio, pois impregnadas pelas vivências de trabalho, bem como pelo material de pesquisa (os materiais iconográficos, fotográficos e históricos), deixam vir à tona todas as nossas reminiscências.

Diante dessa sedução pelas aquarelas, obras do artista plástico, designer gráfico e professor universitário Joaquim da Fonseca, pretendemos evidenciar na concepção de Barthes, como elas, enquanto linguagem, podem contribuir para a operatividade das memórias coletivas, especificamente no Projeto da UFRGS.

Analisando as aquarelas, precisamos recorrer a Maurice Blanchot na questão da imagem, dada a necessidade de fazer uma analogia com a fotografia para Barthes, especialmente quando ele considera que cada fotografia pode ser singular para cada indivíduo.

Assim como Barthes fala do *punctum* como um detalhe, mas um detalhe tão extraordinário que está na ordem do amor extremo, Blanchot fala da possibilidade de encontrar na imagem o que está invisível, o que na linguagem de Barthes seria o *punctum*.

O pensamento de Barthes e Blanchot se assemelham quanto à visão e à

experiência do cotidiano. Ambos partem de suas vivências pessoais para interpretar a arte da fotografia e da imagem.

As imagens, deste modo, tornam-se um exercício de olhar que nos permite descobrir o que cada uma representa. Ao fazer esse exercício com as aquarelas, pelas quais temos um afeto particular por representarem a instituição onde atuamos como servidoras do Setor de Patrimônio Histórico, buscamos o sentido e o valor da imagem enquanto eficácia da memória. Essa análise aos olhos de outras pessoas, sem o nosso envolvimento, provavelmente revelaria somente o *studium*. Para Barthes, o *studium* é como “o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, ardoroso, mas sem acuidade particular”. (BARTHES, 1984, p. 45), enquanto que o *punctum* “parte da cena, como uma flecha, e vem me transpassar.” (BARTHES, 1984, p. 46).

Os prédios que são retratados pelas aquarelas foram construídos no início do séc. XIX e exibem concepções arquitetônicas palacianas, cujas grandes dimensões e magníficas cúpulas demonstram nossos laços com a cultura europeia.

Suas construções foram possíveis graças ao engajamento da comunidade rio-grandense (as quermesses, o livro de ouro, as campanhas de donativos), além de verbas oriundas de outros municípios, o que evidencia o esforço, a cultura e o espírito público de nosso Estado.



*AQUARELA 1 –
Faculdade de Agronomia
(Fonte SPH)*

Na análise da aquarela podemos vislumbrar a arquitetura e volumetria horizontal da edificação, bem como de sua localização em local arborizado. O céu com composição de cores que criam um efeito harmônico. Elemento real da cor e da forma.

As aberturas nos remetem à noção de liberdade. De acordo com o dicionário de símbolos, janela simboliza a receptividade e a abertura para as influências vindas de fora. A janela pode ainda ser considerada um símbolo da consciência.

A produção das primeiras vacinas brasileiras contra doenças animais foram desenvolvidas nas dependências

desta edificação.

A concepção inicial para este prédio mesclava espaços destinados ao ensino com recintos previstos para a habitação de alunos, tendo em vista que o prédio à época era distante do centro da cidade.

Esta edificação contou com recursos da Lei Federal de Incentivo à Cultura –Rouanet para sua restauração. Em 2009 as obras foram concluídas e o prédio entregue à comunidade.



*AQUARELA 2- Faculdade de Direito
(Fonte SPH)*

A imagem remete à imponência de um palácio. Nela visualizamos muitos símbolos do Positivismo e também da Maçonaria, que assinala a edificação

não apenas com reminiscências históricas, mas, também, com marcas físicas. Uma dessas marcas importantes àquela ordem é a gravação de uma sentença de Sêneca- *Res Verum Servera Gaudium*, sobre o pórtico do prédio.

Destaca-se ainda a efigie de Têmis, deusa da justiça, sobre um desenho de trapézio, figura geométrica rica em significados simbólicos, semelhante ao existente na portada central da Catedral de Notre – Dame de Paris.

O prédio é afetivamente conhecido como a “Casa do Velho André,” em homenagem ao Desembargador Manoel André da Rocha, que foi seu diretor, e cuja atuação foi decisiva para a construção deste prédio. A suntuosa edificação conta com uma cúpula arredondada, janelas amplas em arco, grandes pilares. Internamente, o prédio é contemplado com paredes e tetos revestidos por afrescos, em que predominam pinturas figurativas e motivos florais, uma pintura mural de Ado Malagoli localizado no Salão Nobre, retratando uma cena típica dos Pampas, além dos vitrais de José Wollmann, representando a Justiça, a Doutrina e a Ciência.

O prédio foi inaugurado em 1910 e trata-se de uma construção neoclássica, réplica do *Palais Du Rhin*, em Estrasburgo, França. Monumento tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- IPHAN, foi restaurado e entregue à comunidade em 2004.



AQUARELA 3 - Escola de Engenharia
(Fonte SPH)

A imagem nos remete a uma edificação com decoração discreta e ampla volumetria, onde aparecem várias e amplas aberturas que nos reportam à receptividade, à abertura para o novo, e para as influências vindas de fora. Também, um destaque especial para o frontão onde é possível perceber o ano do término da construção em números romanos clássicos, o relógio e uma escultura figurativa.

Com ambientes voltados para o exterior, dando a sensação de que o mesmo “conversa” com a cidade e interage com a natureza. Esta edificação foi a primeira construída no quarteirão universitário, no Campo da Redenção, hoje Parque Farroupilha. Inicialmente, com a finalidade de acolher a Grande Exposição Estadual Comemorativa da Passagem do Século XIX para o XX realizada em Porto Alegre em 1901, passou, logo depois, a sediar a Escola de Engenharia.

Já nos idos de 1896, se constata-va, através da imprensa, a necessidade de criação de uma escola que atendesse as necessidades do ensino profissional, técnico e industrial. O jornal a Federação em 02 de setembro, publica em sua primeira página uma notícia com o título de “Escola de Engenharia- Justificação dos motivos de sua formação” ,onde se lê: “Convencidos da necessidade d´uma Escola Livre de Engenharia destinada a formar profissionais capazes de aplicar a ciência às indústrias, deliberamos fundá-la nesta capital”.

Posteriormente, serviu de sede às primeiras escolas de ensino superior. O prédio está em fase final de restauro.



*AQUARELA 4
Antiga Faculdade de Medicina
(Fonte SPH)*

No caso da aquarela onde está representado o antigo prédio da Faculdade de Medicina, novamente nossas reminiscências afloram. Conta a história que seu primeiro Diretor, Dr. Sarmiento

Leite, diante da valorização do curso de medicina e do aumento do número de acadêmicos, teria pedido à sua esposa, Dona Adelaide, que fosse à igreja rezar para São José, a fim de que o governo doasse um terreno para construir um prédio maior. Dona Adelaide atendeu à solicitação do marido e, dias depois, a Faculdade recebia em doação um terreno no Campus da Redenção.

Preces atendidas, e o suntuoso prédio erguem-se no coração da cidade, com elementos decorativos no frontão, sacadas abertas aparentes, singular na sua forma de construção. Recebeu alunos como o escritor Cyro Martins, que em 1928, narra “a escola era jovem, tinha apenas 30 anos”, mas “até já construíram sede própria, definindo desse modo concreto, entre os demais estabelecimentos superiores da Capital e do Estado, a sua identidade física”. (UFRGS, 1998, p.37).

O enlevo da sede da Faculdade se reitera em vários outros depoimentos. Como o de Moacyr Scliar, nos anos 50:

Entrava-se na faculdade por uma escadaria de granito. As altas portas era ladeadas por colunas falsas (dóricas, jônicas, coríntias? Pouco importa, eram falsas?). Chegava-se ao amplo saguão, em cujas paredes, havia pesadas placas de bronze, homenageando médicos ilustres e também Getúlio Vargas. (UFRGS, 1998, p.37).

Destaca-se que, em 1928, Getúlio Vargas toma posse na Presidência do Estado no Salão Nobre da Faculdade

de Medicina, o qual foi cenário de grandes momentos da vida cultural e política do Estado.

Esta bela edificação, cenário e palco do embate da vida contra ameaça das doenças, simboliza um dos “pilares” da formação do ensino superior em nosso Estado.



AQUARELA 5 – Observatório Astronômico (Fonte SPH)

Desde o final do sec. XIX, a Escola de Engenharia acalentava um sonho de construir um pequeno observatório. O sonho se tornou realidade em 1908 com a inauguração do prédio pelo então presidente do Estado, Borges de Medeiros. Sua construção, dadas as especificidades de suas funções, obedeceu rigorosamente à posição dos pontos cardeais.

Prédio singular na sua construção,

conta com elementos decorativos, como a escultura de Urânia, musa da Astronomia na fachada, os signos do zodíaco na platibanda do último pavimento e a pintura mural restaurada de Cronos, Deus do Tempo, na Sala Meridiana. Quando da sua inauguração, o prédio foi equipado com instrumentos de observação oriundos da Europa: Uma Equatorial e um Circulo Meridiano.

Inicialmente denominado Instituto Astronômico e Meteorológico, tinha como função, além do ensino, a prestação de serviços ao Estado, dentre eles, a previsão do tempo, da meteorologia agrícola e hidrometria.

De extrema importância era também o “serviço de hora”, que se propunha a divulgar para a comunidade a hora certa. O primeiro sinal ocorreu em 1912. Então, uma lâmpada vermelha era acesa às 19h 55 min. e apagada às 20 horas. Uma década depois do primeiro sinal, a cidade contava com três pontos de luz em diferentes locais (um no ginásio Júlio de Castilhos, outro na Intendência Municipal e outro no edifício da Confeitaria Rocco), e assim toda a cidade podia contar com esse serviço.

Aos poucos o serviço de meteorologia passou a ser realizado em um edifício construído para esse fim. Com a federalização desse serviço, em 1942, apenas o Observatório Astronômico ficou ligado à Escola de Engenharia e, desde então, é usado apenas para observações astronômicas.

Este prédio foi entregue restaurado à comunidade no ano de 2002 e é

um dos prédios tombados pelo IPHAN. Atualmente ligado ao Instituto de Física, permanece com atividades de ensino e visitação pública.

As imagens pictóricas e fotográficas contêm uma mensagem revelada como parte de uma realidade que representa, um dado momento histórico, sendo portanto, um vestígio do passado. O caráter polissêmico da imagem, permite que cada pessoa a interprete de forma singular.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara- Nota sobre a fotografia**. Tradução de Julio Castanõn Guimarães. Nona impressão. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Tradução de Rita Buongemino e Pedro de Souza. RJ: Bertrand Brasil, 1993

SCHEINER, Tereza Cristina- **O museu, a palavra, o retrato e o mito**. <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus>. Acesso 15/07/2014.

TOREZANI, Juliana Nascimento. In: **Memória, Patrimônio e Representações**. Itabuna- Imagens do Presente.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. **Os prédios históricos da UFRGS: Atualidade e Memória**. Porto Alegre. UFRGS. 1998.

_____. Patrimônio Histórico e cultural

da UFRGS,(org.)Secretaria do Patrimônio Histórico da UFRGS – Porto Alegre: UFRGS,2004.

Autoras



Sonia Maria Piccinini

Socióloga na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais pela UFRGS. Especialista em Geografia Ambiental Urbana pela UFRGS e Mestranda em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE.



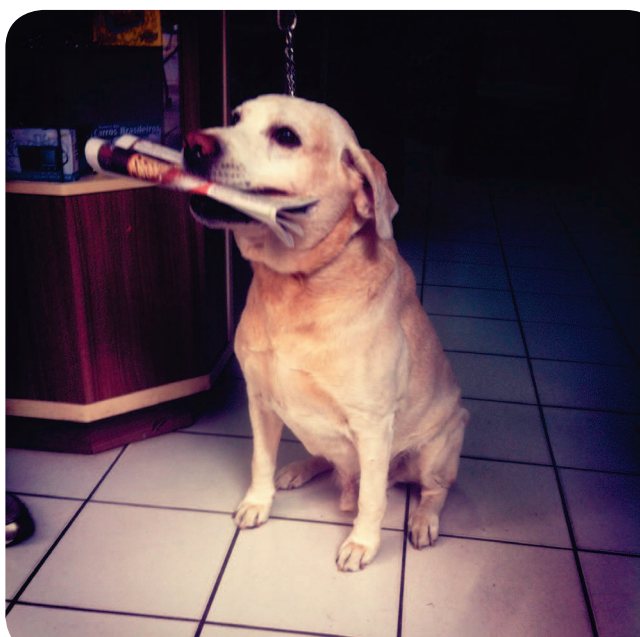
Noemia Fatima Rodrigues

Administradora na universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Bacharel Administração – FAPA, Especialista em Gestão Institucional - ULBRA/RS. especialista em Projetos Sociais e Culturais – UFRGS e Mestranda em Memória Social e Bens Culturais – UNILASALLE.

O itinerário dos sebos: um caminho imaginário e subjetivo

Através das entrevistas com livreiros e visitas aos sebos, Luciana Gransotto realizou a sua pesquisa de campo, buscando elementos que pudessem dar subsídios ao seu trabalho na disciplina. Partiu de um roteiro pré-estabelecido, elencando questões importantes a serem feitas aos livreiros e que pudessem ser trabalhadas posteriormente, quando na escrita da sua crônica, tais como: características e peculiaridades do lugar; as histórias dos livreiros; organização dos livros; principais temáticas; formas de aquisição dos acervos; perfil dos frequentadores; trajetória das livrarias.

Suas impressões pessoais também foram consideradas para a elaboração da crônica, que direciona-se para o lado lúdico dos sebos, considerando-os um lugar propício para experiências significativas, seja para o cidadão, seja para o turista-viajante.



Fotos de Luciana Gransotto

Luciana visitou duas livrarias no dia 6 de junho de 2014 e, a partir dessas visitas, realizou entrevistas com os livreiros. A primeira, a Livraria Érico Veríssimo, situa-se na Rua Jerônimo Coelho e sua responsável, Denise Almansa, foi quem concedeu a entrevista. A segunda, Martins Livreiro, tem sua localização na rua Riachuelo e Ivo Almansa, proprietário e responsável da livraria, concedeu a entrevista.

Nas próximas páginas, o leitor pode acompanhar esta pesquisa na forma de uma crônica, entrevistas e fotos.

CRÔNICA

O itinerário dos sebos: um caminho imaginário e subjetivo

Na contemporaneidade, podemos dizer que a cidade, mais do que qualquer outro lugar e do que em qualquer outra época, é o centro da vida social, com uma concentração máxima de manifestações artísticas, culturais e políticas.

Rememora sempre o passado, ainda tão presente no agora.

A cidade, como um museu a céu aberto, nos instiga a conhecer a sua arquitetura, assistir às manifestações de suas tradições, desvendar as histórias das ruas e dos becos antigos. Permite

presenciar intervenções teatrais, sentir o 'gosto' da gastronomia local. Através dela, é possível conhecer os cidadãos, seus personagens, monumentos e praças. E os seus lugares de memória.

Assim, para responder ao desafio proposto pelo Seminário Itinerários Culturais: criação e gestão de percurso no Cone Sul, disciplina do Mestrado em Memória Social e Bens Culturais, como ponto de partida para a escolha da temática do nosso itinerário, elencamos a cidade, palco dos espetáculos e das interações do ser humano na história.

Os itinerários urbanos, quando permitem o contato do turista com a cidade, o aproximam da cultura local, da comunidade e do seu cotidiano. Já quando sugerem um tempo maior para observação e interação, possibilitam uma experiência significativa, que desperta ou reforça o imaginário daquele lugar.

Em tempos de aceleração dos ritmos da vida, alguns territórios urbanos histórica e culturalmente ainda importantes são quase inexplorados pelos viajantes-turistas e, por vezes, pelos seus próprios cidadãos. Talvez a urgência de tempo, as facilidades da tecnologia, outras atrações culturais e interesses distintos ou até mesmo a ausência de divulgação dos espaços, 'desvirtuem' a rota desses lugares.

Pensando nessa presença um tanto ausente de lugares que consideramos como 'bens culturais' da cidade, surge a nossa proposta de itinerário: percorrer os sebos do centro da cidade de Porto

Alegre, por vezes um pouco esquecidos, mas ainda tão presentes em nosso imaginário.

Prateleiras e estantes com livros amarelados, carregados de fantasias e mistérios. Cheiros que remetem a um passado esperançoso por (re)contar a sua história. Pé direito alto, piso de ladrilhos. Saldos expostos do lado de fora com livros vendidos a preços baixíssimos. Empoeirados, mas lúdicos, os sebos compõem um mosaico de sensibilidades.

Caminhar por entre os livros, como se fosse um labirinto do tempo, de épocas diferentes e distantes. Mergulhar nas memórias do cotidiano daquele lugar, através das histórias contadas. Encontrar na contracapa de um livro, uma dedicatória de amor. Os sebos são descobertas onde a experiência estética, torna-se experiência poética.

Colecionadores de relíquias, 'garimpadores', artistas, intelectuais, estudantes, advogados, curiosos... obras raras, livros de história do Brasil, best-sellers, romances, teatro. Os sebos são democráticos.

Acelerar, desacelerar. Os livros misturam-se conforme viramos a 'esquina' e as páginas, num itinerário que possibilita flunar, rastrear, degustar. O uso do tempo e do espaço é subjetivo. Depende do sujeito.

À deriva ou não, os sebos são territórios a serem explorados. São uma fonte inesgotável de conhecimento, que dão acesso à memória escrita, à memória coletiva e às memórias da cidade.

ENTREVISTAS

Através das visitas aos sebos e das entrevistas feitas com seus livreiros, conseguimos compreender melhor a essência desses lugares, tão singulares. As Livrarias Érico Veríssimo e Martins Livreiro foram o campo exploratório para as entrevistas que se seguem e, principalmente, para as reflexões que possibilitaram a escrita da crônica.

A Livraria Érico Veríssimo: um sebo com um cenário lúdico



Foto de Luciana Gransotto

Denise, responsável e proprietária da Livraria Érico Veríssimo, é quem me recebe para a entrevista. Logo em um primeiro momento conta que o marido, também livreiro, a incentivou e apoiou muito para ter a sua própria livraria, em função da sua grande adoração pelos livros. Adoração essa que surgiu quando ela ainda era uma criancinha. Aos nove anos de idade, fez um curso de encadernação e, quando adolescente, lia os

livros do antigo “Círculo do Livro”, do seu irmão mais velho.

O capricho e a dedicação de Denise revelam-se através dos pequenos detalhes dispostos em cada cantinho da livraria. Objetos de antiguidades adquiridos ao longo da vida fazem a composição com as estantes dos livros: relógios de parede, telefones, máquinas registradoras, máquinas de escrever e de costura, balança Filizola, lamparina, rádio retrô e até uma prensa antiga restaurada. Caricaturas de escritores, como a de Mário Quintana, mini kombi azul e globos terrestres coloridos também fazem parte desse “cenário” lúdico.

“Aqui tem muito amor... porque toda a diferença está no amor que a gente faz nas coisas. “Aqui na minha livraria eu sempre digo que moram duas coisas: o tempo e a paz”, disse Denise.

As palavras dela realmente fazem todo o sentido. A livraria tem um astral diferente: muito aconchego, tranquilidade, cuidado e amor. Ela conta que jamais se sente sozinha. Sempre está muito bem acompanhada, com os mais de duzentos mil livros à sua volta!



Foto de Luciana Gransotto



Fotos de Luciana Gransotto – Interior da Livraria Érico Veríssimo.

As prateleiras, divididas por assuntos, como antropologia, história, turismo, cinema, entre outros, também possuem raridades de todas as áreas.

O acervo da livraria é composto a partir da aquisição de bibliotecas particulares. Quando uma “leva” de livros chega à livraria, Denise corre para abrir, “como uma criança que acaba de ganhar um doce!”, disse ela. Primeiramente, busca os livros que considera como o “pão quente”: aqueles de 1ª edição, raríssimos ou autografados.

A campainha toca e Denise vai atender à cliente que chega. “Essa senhora vem religiosamente toda semana e por aqui permanece por muitas horas...às vezes, por uma tarde inteira!”, conta Denise. E é assim que vários outros clientes assíduos também fazem. É como um ritual.

Já quase tendo que me despedir, pois teria mais uma entrevista e visita por fazer, Denise mostra uma relíquia da área do Direito, do século XVIII, intitulada: “Oeconomialvris Ad VsvmHodiernvm”. Sem uso e com as páginas coladas, é daqueles livros que não estão à venda. São guardados com muito cuidado e amor.

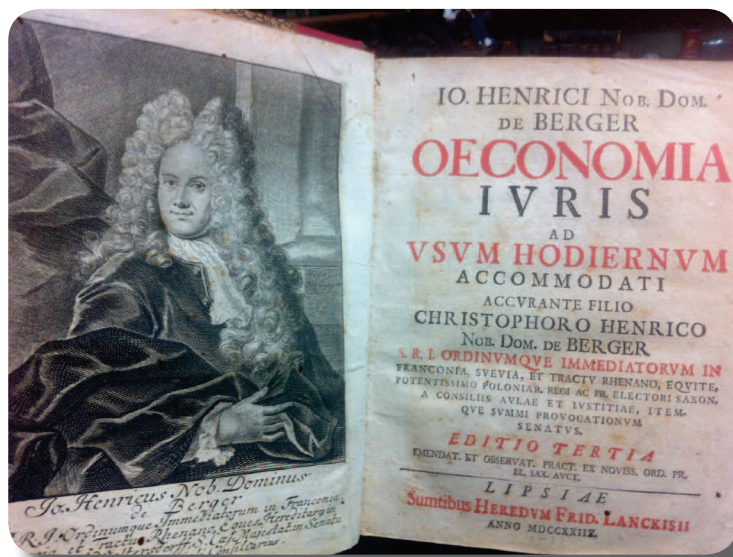


Foto de Luciana Gransotto - Livro “Oeconomialvris Ad VsvmHodiernvm”

“Um livro aberto é um cérebro que fala; um livro fechado é um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora”. E é com essa citação de Camilo Castelo Branco que Denise se despede de mim.

Informações da Livraria Érico Veríssimo:

Endereço: R Jerônimo Coelho , 377, Centro - Porto Alegre / RS

Ano de abertura: 1998.

Site: <https://www.facebook.com/LivrariaEricoVerissimo?fref=ts>

E-mail: livrariaericoverissimo@hotmail.com

Telefone: 51 3019.4624.

Compra e Vende: somente livros novos e usados.

Atuais proprietários: Denise Almansa e Ivo Alberto Almansa.

Martins Livreiro: um sebo autêntico



Foto - Jornal do Comércio <http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=100823>

Saindo da Livraria Érico Veríssimo, que se situa na Rua Jerônimo Coelho, sigo em direção da movimentada Rua Riachuelo: carros, pessoas, barulho, agito...a aceleração do centro muda totalmente a sua paisagem. A rua Riachuelo foi e é o ponto de maior concentração de sebistas de Porto Alegre.

A livraria Martins Livreiro é uma re-

ferência no mercado de usados, em especial de livros da História do Rio Grande do Sul e livros jurídicos. Seu acervo gira em torno de 200 mil unidades, entre livros catalogados e não catalogados.

O proprietário da loja, Ivo, me recepciona. Em meio a tantas solicitações para a sua atenção, ele reserva pelo menos uma hora inteira para conversar comigo.

Entram e saem clientes com um fluxo intenso. Por estar localizada em um local de ampla circulação, o espaço se confunde entre os seus diversos perfis de clientes, ou diria melhor, seguindo uma certa ordem, os simpatizantes, adoradores, amantes, apaixonados e, porque não, aficionados por livros!

O perfil do público é diverso: universitários, historiadores, artistas, literários, juízes, desembargadores e entre outros. Personalidades como os ex-ministros Jarbas Passarinho e Delfin Neto, o magistrado Moreira Alves, os cantores Marina Lima e Belchior já fazem parte das memórias da Martins Livreiro.

Ao todo são cinco pessoas trabalhando na loja. Quando eu questiono sobre a catalogação, um dos vendedores me explica que a organização é feita através das temáticas, e que esse é o ponto mais complexo de uma livraria, na opinião dele. Pergunto, então, como eles encontram um livro, quando alguém chega solicitando um título que não está no sistema ou catalogado. E ele responde: “De tanto conhecer esse

lugar, nós achamos pelo cheiro”.

Dentre as tantas coisas que já escutou na livraria, ao longo da vida, Ivo cita algumas “pérolas”, tais como: “O senhor já leu todos esses livros?”, “Vendendo cachaça acho que o senhor ganharia mais”.

Sobre a história da livraria, Ivo nos conta que foi em 1982 que comprou a Martins Livreiro, tornando-se o detentor do legado do grupo, que compreende também a Edigal Editora e Distribuidora e a livraria Érico Veríssimo. Essa última, como sócio da sua esposa, Denise.

Avançando um pouco mais na história, descubro no site da Assembleia Legislativa, que no início desse ano, mais precisamente em 25 de fevereiro de 2014, o deputado Marlon Santos ocupou o Grande Expediente para homenagear o grupo Martins Livreiro e o detentor de seu legado, o próprio Ivo.

A seguir, o texto que menciona essa homenagem, dando desfecho a essa entrevista e reforçando a importância desse grupo até hoje para a cidade de Porto Alegre.

O grupo foi fundado em 1954 por Manoel dos Santos Martins, comercializando livros usados, esgotados e raros. Também criou a primeira livraria ambulante, em 1962, que percorreu todo o estado em um caminhão. Esse defensor da história e tradição gaúcha, faleceu em 2008.

A Martins Livreiro Editora foi fundada em 1980. Com o ideal de entregar à coletividade gaú-

cha uma casa que preenchesse uma lacuna no setor, editando e reeditando livros que abordassem a vida rio-grandense, em todos os seus aspectos, lembrou o deputado. O sucesso das publicações (são mais de mil títulos) chegou a todo o país e até mesmo ao exterior. (Assembleia Legislativa, 2014)

Informações da Martins Livreiro:

Endereço: Rua Riachuelo nº 1291

Ano de abertura: 1957

Endereço: Riachuelo, 1291.

E-mail: martinslivreiro@gmail.com

Site: <http://martinslivreiro.com.br/index.php>

Telefone: 51 3226-7779.

Compra e Vende: somente livros novos e usados.

Atual proprietário: Ivo Alberto Almansa.

Autora

Luciana Rodrigues Gransotto



Bacharel em Turismo, Mestranda em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE

Confraria dos Livros

Nota: Izilda Bevilacqua teve como tarefa visitar três sebos do Centro de Porto Alegre, mas a livraria Magnólia na Rua Riachuelo foi desativada há cerca de quatro anos, e a livraria Aurora não estava disponível para visita. Diante disso, ocorreu apenas a visita à Confraria dos Livros, também na Rua Riachuelo. Esta livraria se divide entre livros novos e usados, com uma peculiaridade na especialização em livros esotéricos, de bruxaria e autoajuda. Segundo o entrevistado, marido da dona da livraria, a Confraria dos Livros possui o maior acervo de livros esotéricos em Porto Alegre.

Nas próximas páginas, a entrevista, uma crônica e muitas fotos da visita.

ENTREVISTA: Confraria dos Livros

*Por Izilda Aparecida Ferreira
Bevilacqua*

Após um período de conversação entre o grupo, decidimos pesquisar, visitar e documentar a presença de sebos em Porto Alegre, como locais de busca de conhecimento para estudantes, professores e curiosos, que neles podem obter um perfil cultural, político e/ou histórico de um assunto específico.



Fotografia de Nadia Leite

Em nossas visitas direcionadas por uma prévia catalogação de endereços, Plínio e eu podemos observar nas entrevistas que algumas livrarias que oferecem livros usados estão dividindo espaço com lançamentos atuais numa proporção de 50%. Este é o caso da Confraria dos Livros, especializada em esoterismo, cujas vendas, para um público variado e sem limite de idade, ocorrem de forma não estruturada e independente da época.

Na Confraria, entrevistando o Sr. Silvio, esposo da proprietária do sebo, Sandra, tivemos a informação de que o mesmo é o único da região que comercializa livros específicos e direcionados à maçonaria, além de bruxaria, livros de feitiços, magia feminina. Isso favorece a livraria, que mantém um público fiel e contínuo, além daqueles que conquista nas datas propícias a presentear com

esse estilo de leitura, como o Dia das Bruxas, em 31 de outubro.

Considerando o objetivo final do sebo em comprar, vender e trocar livros usados, a Confraria mantém uma média de cem mil livros em estoque, e vinte mil na vitrine para comercialização entre novos e usados. O negócio tem aproximadamente dez anos, e além da venda presencial, há a venda pelo perfil do Facebook da loja, disse Silvio.

Uma variação de livros esotéricos, de bruxaria e magias para adolescentes são os mais procurados para comercialização de novos e usados. São eles que mantêm o negócio em alta e em movimento, informou o nosso entrevistado.

Quando perguntamos se o fato da livraria não abrir aos sábados (conforme anúncio ao público) não inibiria outras possibilidades, como a visita de novos clientes; percebemos certa preocupação por parte do entrevistado. Ele não demonstrava muita vontade de expandir a conversa, numa preocupação em medir suas respostas e observações, possivelmente por não ser o responsável direto pelo estabelecimento.

Na saída, agradecemos a Sílvio pela entrevista.

Sebos: Herança Cultural da cidade de Porto Alegre

Após uma pesquisa sobre sebos no centro da cidade de Porto Alegre, numa leitura do processo de resgate cultural dentro do itinerário delimitado pelo grupo de estudo, surgiram outros sebos com olhar para o esoterismo em seu comportamento organizacional. No que diz respeito a superstições e crenças, percebemos como as representações sociais circulam e se entrecruzam, cristalizando-se continuamente, através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, através dos objetos que nós produzimos ou consumimos e das comunicações que estabelecemos. Tais observações se dão pelas histórias estabelecidas na relação de pesquisadores e pesquisados, onde em cada sebo visitado percebeu-se enredos históricos...

Referencia-se livros como objetos de comunicação de pessoas que queiram deixar para posteridade elementos de sua invenção no mundo e a partir da cultura a qual pertencem e vivenciam. Nessa experiência em pesquisar o viés do conhecimento a partir dos sebos, pudemos conhecer a Confraria dos Livros na Riachuelo, que se destina especificamente à literatura esotérica, maçônica e de autoajuda. Há dez anos a livraria atende a um público fiel, dire-



Fotografia de Nadia Leite

cionando sua vitrine a temas voltados à história da maçonaria como um ponto de referência na busca de informação a essa discussão de conhecimento, cujas ações são reservadas e interessam apenas àqueles que dela participem. Esse indicador de literatura é específico na Confraria, como outras obras relacionadas à bruxaria e feitiçaria, que sinalizam um paradigma entre a ciência e o esoterismo, criando assim, uma cilada à reflexão. Quando se separa ciência física e concreta de indicadores imaginativos, de psicologia, de sociologia, da biologia, apresenta-se ao indivíduo uma possível armadilha, a de separar ciências físicas de ciências humanas, no momento em que há uma necessidade urgente de agrupá-las para lidar junto às necessidades e curiosidades humanas.

Percebe-se na dinâmica da casa um movimento sistêmico entre o novo e velho, mantendo um acervo significativo de livros voltados ao oculto e o desconhecido, prescindindo de comprovação científica, mas sim direcionado à latente velocidade da descoberta e resolução imediata de ansiedades do homem como sujeito social e político. Dentro do próprio interesse pela maçonaria, podemos destacar a ligação com a filosofia e a abertura a todas as crenças religiosas. A ligação da maçonaria à filosofia se concentra pela caracterização de seus rituais e preceitos sociais e ideológicos.

A psicologia como senso comum,

como ciência que abstrai a realidade para compreendê-la melhor, permite a construção do conhecimento científico e real, com devido valor ao conhecimento intuitivo, espontâneo, de tentativas e erros. Em função da complexidade humana há uma busca descompensada pelo imediatismo das “receitas mágicas” dos livros de autoajuda, também um dos focos da vitrine da Confraria dos Livros.

A ciência nos traz uma amostra de conhecimentos sobre fatos ou aspectos da realidade como objeto de estudo, objetivando-a através de uma comunicação direta e rigorosa. Já o viés traçado no perfil dessa livraria, que há uma década oportuniza a possibilidade de sanar questionamentos quanto ao desconhecido e inexplicável, é oferecer uma demanda de obras entre o real e irreal com porções ditas “mágicas” nos relatos de autores voltados às ciências ocultas.

“O importante e bonito do mundo é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foi terminado, mas que elas vão sempre mudando. Afinam e desafinam”, declara Ana Bahia, doutora em psicologia social, fazendo refletir sobre o paradoxo entre o conhecimento que se constrói com a leitura do ontem e a leitura do hoje, consultadas muitas vezes pelo mesmo pesquisador.

Na Confraria dos Livros é mantido como mascote um lindo gato. Conta-se que na Idade Média acreditava-se que

os gatos pretos eram “bruxas”, transformadas em pessoas... Mas, segundo Richard Bach em seu livro Mensagens para Sempre: “como qualquer coisa que não se vê, teu dom torna-se mais poderoso à medida que o usas”. Então, esse exercício pode ser feito com ajuda dos sebos, que proporcionam o conhecimento das histórias de ontem e de hoje.



Rua Riachuelo, 1440
Loja B - Centro
Porto Alegre - RS
(51) 3023-5822

Especializada em obras maçônicas

Autora:



Izilda Aparecida Ferreira Bevilacqua

Psicóloga Clínica e Bacharel em Psicologia pelo IPA (SP), Pós Graduação em Especialização em Docência Profissional (RS), Mestranda em Memória Social e Bens Culturais- La Salle (RS), Pós Graduada em Administração Hospitalar(SP), e Consultora e Docente em Gestão de Pessoas.

Luxúria e Sangue na Riachuelo com General Câmara

Nota: Depois que nosso grupo discente elegeu como tema da sua atividade acadêmica lançar um olhar detalhado sobre alguns sebos e livrarias de livros usados do Centro de Porto Alegre, alguns fatores foram preponderantes, como a localização, perfil histórico, potencial turístico, capacidade de serem vistos como negócio e representatividade cultural.

Tive a especial oportunidade de visitar e fazer uma entrevista, a um sebo bastante significativo na Rua General Câmara, o Sebo da Ladeira.

Confesso que fiquei encantado com as descobertas realizadas e contribuimos para o trabalho de grupo oferecendo uma crônica ficcional de nossa lavra.

Também usarei a palavra encantado para me referir ao privilégio que tive em fazer parte do grupo de trabalho, a convivência com as colegas de elevada capacidade intelectual, generosidade, bom humor e do prazer que foi receber os ensinamentos dos ilustres professores.

Há uma frase que se encaixa muito bem para definir a nossa crônica ficcional dentro do presente trabalho acadêmico: “Sabemos que isso tudo não aconteceu, mas ao mesmo tempo sabemos que tudo isso poderia ter acontecido”.

Luxúria e Sangue na Riachuelo
com General Câmara

Por Plínio Mósca

Ontem ocorreu um grave crime na esquina das ruas Riachuelo e General Câmara, que também é conhecida como a Rua da Ladeira, envolvendo nomes destacados da nossa sociedade. Era enorme a quantidade de transeuntes que ocupam as ruas vindas da orla do Rio Guaíba por ocasião das festividades de inauguração do Cais Mauá, considerada a grande obra pública do Dr. José Montaury no decorrer deste nosso ano de 1921.

O crime gerou tamanha comoção que quase ofusca as festividades de inauguração do Cais Mauá.

É de conhecimento de todos que há dois anos falecia aos 53 anos o Senhor Comendador da República Carvalho de Machado, que era solteiro, não tinha herdeiros naturais e deixou, para a Santa Casa de Misericórdia de Dom Pedrito, conforme foi documentado em inventário depositado em cartório, grande parte de sua enorme fortuna, constituída por oito propriedades rurais que estavam arrendadas, um matadouro,

um moinho de trigo e a fazenda Dona Filozinha, na qual morava.

A sede da fazenda era ricamente montada, sendo que a reputação de sua coleção de baixelas, potes, candelabros, travessas e cálices de prata peruana já haviam passado as fronteiras do nosso estado.

Com a parte de seus bens que não foi doada para a Santa Casa, o Comendador agraciou os seus empregados mais diretamente ligados no seu convívio, cada qual recebendo uma casa de meia água na cidade e um de seus inúmeros afilhados de batismo, com um enorme prédio de três andares em pleno centro da capital do estado. Também foi herdeiro o filho de um amigo português cujo pai o Comendador conheceu quando estudou em Coimbra, foram camaradas na mesma Faculdade de Direito. Ambos tornaram-se advogados, um em Lisboa e o Comendador em Dom Pedrito, no âmbito da família Carvalho de Machado. O jovem vivia em Buenos Aires e com a morte de seu pai em Portugal, passou a viver em Porto Alegre sob a proteção material do Comendador.

Pois na chamada esquina dos Sebos deu-se o crime. Inúmeros passantes ofereceram seus depoimentos às autoridades policiais. As senhoras que assistiram tiveram crise nervosa, inclusive duas delas, a Sra. Maria Amélia do Couto e Almeida Barbosa e sua criada D. Hilda, chegando esta última a desmaiar nos braços de um dos investigadores.

A fortuna do Comendador Carvalho de Machado gerou o triste episódio. Segundo relatos, a discussão dos envolvidos começou no Sebo das Obras Raras, no interior do estabelecimento, sem se conhecerem e apenas em nome da pura causalidade, dois jovens senhores procuravam ao mesmo tempo comprar todos os livros que havia nas prateleiras, do lote dos livros que a Santa Casa havia vendido para o Sebo.

Ambos buscavam com sofreguidão um documento, que não se sabe exatamente se era uma carta, um apêndice testamentário, um título bancário, mas buscavam, o mesmo papel, o mesmo emaranhado de folhas e quis o destino que o desfecho fosse o mais trágico possível para ambos.

Conforme o depoimento de Seu Abelardo, funcionário do Sebo e do Sr. Godinho, proprietário do mesmo, cada um deles, em momentos diferentes, perguntou pela estante dos livros de Direito que haviam pertencido ao Comendador e que a Santa Casa recentemente tinha encaminhado ao Sebo para a venda. A informação da venda dos livros fora publicada no Jornal do Comércio alguns dias antes. A procura era grande, mas devido ao elevado custo que o sebista se via obrigado a praticar, visto o quanto ele havia pagado à Santa Casa, já era um fator que inibia até mesmo os mais curiosos, e pouquíssima gente aproximava-se da estante dos livros em questão.

Causou espécie à Sra. Melanie Roux, esposa do Sr. Godinho pro-

prietário do local, o fato de cada um dos senhores envolvidos, já chegarem anunciando que queriam comprar toda a estante e se mostravam dispostos a pagar sem hesitação. Segundo a Sra. Roux: “os brasileiros, diferentes de nós franceses, nem perguntam o preço, já anunciam que querem comprar, mesmo sem saber quanto custa, que coisa mais estranha essa extravagância!”

O empregado do estabelecimento comentou: “o mais moço dos dois punha-se a folhear livro por livro, como que se buscasse alguma coisa guardada ou escondida dentro entre as páginas e depois jogava no chão os livros que eram revistados! Jogava no chão livros caríssimos!”

Os envolvidos eram o Dr. Marco Aurélio Teixeira, afilhado do Comendador e o outro, português que residia em Porto Alegre sob a proteção material do Comendador, também advogado como o primeiro, Dr. Joaquim Eusébio de Ramos.

Segundo informações prestadas, não se sabe qual dos dois encontrou primeiro um maço de folhas dentro de um dos compêndios e a disputa iniciou-se pela forma verbal, com troca de graves revelações seguidas de impropérios, partindo os dois após uma boa meia hora de acusações para a luta corporal no interior do Sebo. Imediatamente seguiram para a calçada, bem na esquina, cada qual sacou uma pistola e o Dr. Marco Aurélio Teixeira disparou três tiros contra o rosto do Dr. Joaquim Eusébio de Ramos e depois gritou para

todos os atônitos espectadores da horrenda contenda, “Carvalho de Machado, seu desgraçado, se não posso mais ser teu, não serei de mais ninguém!” E atirou contra si mesmo, caindo morto ao lado do corpo que tinha aos seus pés.

Na contenda física o maço de papéis foi rasgado e quase todo o resto ficou manchado de sangue, mas por informações não confirmadas de fontes anônimas, tratava-se de cartas de amor e de um termo de doação de certa quantia depositada em nome de uma das vítimas na sucursal uruguaia do Banco Suíço de Montevidéu.

A redação do jornal ouvindo uma idosa senhora que foi criada de quarto de Dona Filozinha, progenitora do Comendador, foi informada do hábito que os Carvalho de Machado tinham de guardar dentro de livros, dinheiro em cédulas, especialmente dinheiro estrangeiro e documentos sigilosos. Segundo esta senhora, Dona Laura Bicalho, o cofre da biblioteca da sede da Fazenda Dona Filozinha guardava importância modesta em espécie e documentos secundários. A rotina de esconder coisas importantes dentro dos livros era um costume trazido de Portugal, segundo Dona Laura. Cada estante da biblioteca era um cofre disfarçado. Aqueles papéis passaram despercebidos pelos funcionários da Santa Casa, que provavelmente acharam coisas de elevado valor no interior dos livros.

Há três mortos agora e nenhuma certeza aparente. Cada um, primeiramente o Comendador, seguido pelos

dois jovens senhores do Crime da Esquina como já está ficando conhecido o caso no jargão policial da imprensa porto-alegrense, levaram para a tumba a linha de segredos que por certo jogariam luz sobre o mistério. Três óbitos, três destinos, três interrogações e três intrigantes suposições.

Exatamente qual seria a relação entre os três envolvidos, o que buscavam, o que encontraram e o porquê das mortes deverá ficar apenas no campo da suposição. Que espécie de relação os reunia? Os papéis encontrados no interior do livro de Direito no Sebo são vestígios documentais além de serem traços de memória, mas o que afirmavam?

Talvez no próximo século tais mistérios não provoquem mais tanta polêmica. A população de Porto Alegre agora conta com quase 150.000 habitantes. Nossa cidade já conta com o fornecimento de água encanada, de iluminação pública, o empréstimo de mais de 500.000 libras contratado vem apresentando resultados concretos e visíveis. Ano passado inauguramos o Paço Municipal e as novas máquinas de transformação do carvão em energia elétrica nos permitem flunar pelas ruas da capital com a mais absoluta segurança.

Da mesma maneira que avançamos nas conquistas materiais, também avançaremos nas conquistas que dizem respeito aos debates das ideologias e dos conceitos de vida. Todavia os temas quanto mais subjetivos, mais delicados se tornam e seus questionamentos

sempre geram a necessidade de muito tempo para conclusões. Nas Academias de Ensino Superior da capital do país e na Cidade de São Paulo, já se comenta que fervilha a idéia da criação de um novo ciclo cultural na República. Precisamos esperar para ver o que estarão propondo os chamados “modernistas”.

O cronista acredita que a partir de hoje, um livro a venda dentro de um Sebo guarda mais mistérios e segredos do que pode informar ao leitor a simples leitura de sua lombada na prateleira.

Autor



Plínio Mósca

Diretor, ator e professor de teatro, Chevallier des Arts et des Lettres de la République Française. Tecnólogo em Produção Cênica pela Faculdade Monteiro Lobato. Mestrando em Memória Social e Bens Culturais – UNILASALLE.

Nota: Fernanda Flores, visitou e realizou registros fotográficos de um sebo e de uma livraria no Centro Histórico na cidade de Porto Alegre. A renomada Livraria Palmarinca, pioneira especialista em Ciências Humanas, e seguido de um sebo, a Livraria Nova Roma, jovem Sedo na Rua L do livro, desde 2000. As praticas de entrevistas enriquecidas com fatos, premiações, curiosidade, sinos e história. A seguir, as entrevistas, uma crônica e registros fotográficos.

ENTREVISTAS:

Entre Ruas, Livros e Sebos

Por Fernanda Flores

Ao chegar à Livraria Palmarinca e entrevistar o proprietário, Rui Gonçalves, ele esclarece que a livraria não é um sebo e conta como tudo começou. A livraria, que foi fundada em 1972, iniciou com uma pequena biblioteca na casa de Rui, que se considera um estudioso e apaixonado por livros desde a infância. Pai de dois filhos, o mais velho trabalha na livraria e o mais novo ajuda quando está de folga dos estudos.

Conforme as palavras do próprio Rui, “remando contra a ditadura”, a Palmarinca sofreu, mas com persistência venceu e se tornou a primeira livraria de Porto Alegre especialista em Ciências Humanas.

Ele informa que do público que frequenta a Palmarinca, 90% são mulheres a partir de 45 anos de idade.

Diz ainda que também aderiu as vendas pela internet, mas sente falta do contato com as pessoas.

Conhecendo a Livraria Nova Roma, situada na rua General Câmara, entrevistando André, um dos três sócios, soube que a ideia da livraria veio através de uma necessidade financeira e pelo amor aos livros.

Ele conta que dois dos sócios trabalhavam em uma editora que chegou a falência, e ambos desejavam continuar negociando livros. Porém, o destino levou-os para um segmento diferente, para o livro usado, pois a experiência de trinta anos de cada sócio sempre foi voltada para os livros novos. Mesmo com a experiência, o desafio era diferente, livros usados demandava um trabalho minucioso.



Fotografia de Fernanda Flores

Questionei sobre o público que frequenta o sebo, e André respondeu que a faixa-etária varia entre os 30 e 70 anos, e fez questão de salientar a amizade que cultivam com os leitores que frequentam e adquirem os livros.



Fotografia de Fernanda Flores

Foi num sábado daqueles ensolarados, na presença do outono, quando as folhas dançavam ao desprender-se dos galhos marrons das árvores, e na caminhada havia a bela companhia do vento, que soprava nas curvas das ruas do Centro Histórico da capital do Rio Grande do Sul. Entre um passo e outro, o destino foi determinando um itinerário, chegando às ruas Jerônimo Coelho e General Câmara. Resolvi percorrê-lo em busca de sebos na cidade de Porto Alegre.

Na caminhada, dois renomados sebos chamaram minha atenção. Primeiro, avistei a Livraria Palmarinca, localizada na rua Jerônimo Coelho, a livraria mais antiga especialista em Ciências Humanas de Porto Alegre, fundada em 1972 por Rui Gonçalves. São 42 anos de muita história, desfechos políticos, muitos livros, prosas e contos de alfarrabistas.

Entre uma fala e outra com o fundador da Palmarinca, ele derramou-se em sentimentos discursando sobre a perda de leitores em espaços como os sebos e livrarias, após a “invasão” da avassaladora internet e o consumismo virtual de livros e *e-books*. Esclareceu que a Palmarinca não é um sebo, que por se localizar na rua batizada como L do Livro e por eventualmente adquirir livros usados ou até mesmo troca, alguns consideram a livraria um sebo. Mas, ele quis deixar claro que a Palmarinca não se enquadra em tal categoria.

E mantendo o meu destino cheguei na Livraria Nova Roma, situada na rua General Câmara, nº 394, legítimo sebo, onde fui recebida por André, um dos três sócios e alfarrabistas.

A Nova Roma, por ser uma livraria jovem entre a vizinhança sebista, com seus 14 anos de existência já trazia um reconhecimento, sendo o primeiro sebo a receber o Prêmio Açorianos de Literatura, em 2007, destaque em livraria.

Encantei-me com a demanda de sinos em cada prateleira que expunha o

acervo de capas e folhas, os livros. Não contive a curiosidade e questionei: com tanto badalos expostos encaixados nos sinos entre pratas, dourados e ferro envelhecido, da onde vinha o apreço por tal objeto? No primeiro momento, André abriu-se em riso e logo adiantou, não é nada supersticioso, apenas um símbolo, e concluiu dizendo: “Uma referência da Nova Roma, ‘a livraria dos sinos’”.

Entre diversos livros, deparei-me com os discos de vinil, máquina de escrever, telefones, enfim, antiguidades históricas que remetem a um passado que se mantém vivo. O público em geral concentra-se em consumidores que são ao mesmo tempo clientes e amigos.

Entre as nossas conversas, André ressaltou a ausência de professores e alunos nos sebos, disse que em tempos passados havia projetos e as visitas eram constantes, pelo menos uma vez ao mês, uma escola fazia-se presente naquele espaço.

Presenciei um espaço rico de sabedoria e memórias, mas fica o registro que os sebos poderão cair no esquecimento, marginalizados pela internet. Crianças e jovens já não frequentam livrarias, tampouco se deslocam até um sebo, acaba-se a curiosidade pelo passado. Salvam-se aqueles que os avôs itinerantes de sebos ensinam-lhes a preservar a delicadeza de um livro e a experiência enriquecedora de adentrar e perder-se num sebo.

Autora:



Fernanda dos Santos Flores

Pedagoga com habilitação em Empresarial, Especialista em Educação a Distância, Mestranda em Memória Social e Bens Culturais. Professora tutora no curso de graduação em pedagogia na modalidade EAD. (ULBRA) e analista de RH.

Nota: Esta não é mais uma edição, é a minha primeira participação em uma revista. E aqui podemos conhecer um pedaço do Centro de Porto Alegre, escolhemos falar sobre os sebos do Centro da Cidade. No início não imaginava como aconteceria a construção desta revista. Com os frequentes encontros, em sala de aula, fomos desenhando nosso tema, e a partir daí marcamos a visita ao centro da cidade. Nas próximas páginas, a entrevista com o proprietário do Beco dos Sebos e um poema inspirado no relato da colega Fernanda, que visitou um sebo enfeitado por sinos.

Caminho dos becos, caminho dos livros

Por Nádia Leite

Um itinerário cultural se converte em uma rede de caminhos, um trajeto a ser percorrido, e o trabalho nos leva a um caminho de livros.



Fotos de Nádia Leite

Cada novo conhecimento que adquirimos sobre algum bairro de nossa cidade faz com que esses espaços se tornem um pouco mais nossos. Em busca de mais informações sobre o Beco dos Livros, sebo que me coube visitar, entrevistei seu proprietário, para saber quando foi aberto o estabelecimento; qual foi o seu interesse em abrir um sebo; quantas lojas e funcionários possui, o que é mais procurado na loja, quais foram as participações do Beco na Feira do Livro de Porto Alegre e qual é a postura da loja em relação a vendas pela internet.

Peter Dullius, 64 anos nascido em Cruzeiro do Sul, comprou o ponto em fevereiro de 1992 e precisou trocar de nome. A inspiração surgiu da aparência da loja e pela sua característica de ser estreita e comprida, veio a se chamar: Beco dos Livros.



Fotos de Nádia Leite



Na época, Dullius era bancário e funcionário do BNDES, formado em Economia pela UFRGS. Quando o menor dos filhos fez sete anos, a então esposa, que na entrevista ele chamou de sócia, quis trabalhar fora, e eles foram atrás de uma oportunidade. Tanto poderia ser uma livraria quanto uma loja de materiais de construção, não sabiam ao certo no que investir. Nos classificados, viram o anúncio de venda do ponto da Livraria Londres, no centro da cidade, e encontraram o que buscavam.

Em fevereiro de 1992, entraram para o mercado dos livros. Nos sebos, também é possível encontrar raridades.

Dullius admite que encontrar edições exclusivas ou históricas é uma das coisas boas de trabalhar nesse ramo.

“Sempre se procura descobrir uma agulha no palheiro – uma novidade, uma curiosidade, uma raridade. Isso dá uma adrenalina”.

Em 2013 o Beco dos Livros participou, na Praça da Alfândega, da 59ª Feira do Livro de Porto Alegre. Foram três estandes: o 23 da Rua da Praia e os 59 e 60 na Sete de Setembro.

O diferencial do Beco em relação às outras livrarias é a diversidade: enquanto elas levam os livros mais vendáveis, o Beco pode levar para a Feira as mais diversas obras, já que não trabalha só com as novidades. Perguntado sobre a internet no seu negócio ele responde: *“A internet no primeiro momento reduz o movimento de vendas físicas – presencial – mas é uma ferramenta que ajuda a encontrar as coisas, mas não resolve a vida do Dullius, passou, então, a investir seu dinheiro na compra de obras para abastecer suas lojas”.*

Os sebos, no entanto, têm uma particularidade. *“Sempre entra mais do que sai, e o sebo precisa de espaço”*, afirma Dullius. O acervo precisava de mais espaço, por isso, em 1994, o Beco se transferiu para uma nova loja, na rua Riachuelo, e foi preciso mais.

Conhecida como rua dos livros,

a Riachuelo passou a abrigar mais um Beco em 1995. Em 1998, foi aberta uma loja na Rua General Câmara e, em 2004, na Rua dos Andradas. O Beco dos Livros trabalha com obras didáticas, técnicas, romances, revistas, gibis. “*Tudo o que é de papel nós temos*”, diz Dullius.



Fotos de Nadia Leite



Fotos de Nadia Leite

Para o dono do Beco, os sebos possuem mais dois pontos fortes. O primeiro é o preço. Já o segundo é a exclusividade. “*Numa loja de livros novos, você tem os livros dos últimos dois anos. Num sebo, dos últimos 100 anos*”, afirma Dullius.

Dessa forma, é possível ter acesso a edições antigas e obras já esgotadas. Dullius conta, ainda, que quando as pessoas entram em sua loja começam a voltar no tempo, lembram de quando eram crianças, os livros que viram na escola, os gibis que liam. Para ele, é uma magia levar o cliente de volta ao passado, permitindo por meio dos livros um reencontro com outras épocas.

Dullius fala que jovens e adolescentes, não dão mais a mínima importância ao maravilhoso mundo dos livros. A atenção dos mesmos está totalmente direcionada à ‘net’, redes sociais, e mais uma imensidão de coisas, grande parte sem utilidade alguma. Muitas horas do dia se vão na frente da tela do computador, enquanto os melhores livros permanecem enfileirados, empoeirados e esquecidos na estante.

Hoje vivemos num mundo onde a informação está em todos os locais e a qualquer hora. Nos livros está o conhecimento seguro, assim como a internet está a informação quente. Livros abrangem o saber estável, o permanente, e estabilizam o passado.

Quando queremos saber o que está acontecendo de novo, vamos a internet, e, quando procuramos referências sólidas vamos aos livros. Assim os livros transmitem mais segurança, enquanto a internet transmite inquietações.

Perguntado se ele tem e-mail, ele

responde: “Tenho e-mail, mas não tenho facebook”, na opinião dele, “é a maior onda onde as pessoas se isolam, ficam ligados a milhares de amigos e não têm contado com nenhum deles, é só papo furado, as pessoas dizem que leem, mas pensam e escrevem errado.

Duvido que no face tenha uma gramática de como aprender escrever, daqui há 10 anos as pessoas vão escrever muito mal”. Comenta ainda que “esta geração nova não tem disciplina, os pais não têm disciplina em casa, o governo não tem disciplina, as pessoas fazem greve e nada acontece.” Pergunto se ele deseja deixar algo como mensagem: “procurem ler livros, se especializarem, aumentarem seus conhecimentos, estudarem... não vamos nos iludir porque o Brasil nunca leu muito e não é agora que vão dizer que leem, eles leem no computador e esta leitura não instrui, é uma leitura de fofocas, de babaquice, e ninguém controla

isto, não tem pai, não tem professor.... enfim estudem com livros palpáveis!” .



Fotos de Nádia Leite



Autora

Presença de um sino em uma livraria
Curioso!

Porque um sino em uma livraria?

Não é produto de venda, mas um
ornamento decorativo, e deve ter um
motivo:

Será um amuleto?

Será a facilidade da comunicação com
as criaturas do além?

Será promessa de herança?

Qual o significado real do sino?

Será um chamado de ordem?

Uma advertência?

Uma culpa?

Algo do passado?

Que precisa aprender?

Que é usado como proteção?

Energia negativa?

Não,

O sino é o conhecimento,

A concentração e estudos!



Nádia Leite

Bacharel em Publicidade e Propaganda e aluna especial do mestrado em Memória Social e Bens Culturais - UNILASALLE. Profissional na área de Eventos do Centro de Eventos FIERGS.